

Economista vê o país à beira da moratória

SILVIO DONIZETTI

Correspondente

São Paulo - O professor da Unicamp e membro do Conselho Superior de Economia da Fiesp, Luiz Gonzaga Beluzzo, confirmou ontem que o risco de o Brasil pedir moratória estará presente durante o decorrer deste ano, mesmo que o governo consiga obter os recursos adicionais de 1,5 bilhões de dólares para cobrir o "over night".

"Acho que as chances de o Brasil pedir a moratória são muito altas, mesmo obtendo um superávit expressivo na sua balança comercial. Quanto aos 1,5 bilhões de dólares que faltam, se o governo conseguir esse empréstimo nós poderemos adiar o pedido de moratória, mas mesmo assim não se sabe até quando", comenta Beluzzo.

Segundo o economista, o erro do governo brasileiro foi não ter solicitado à comunidade financeira internacional uma renegociação e um reescalonamento global de sua dívida, em setembro do ano passado. "O melhor teria sido uma renegociação de quase 10 bilhões de dólares, ao invés de terem sido renegociados apenas 4,4 bilhões de dólares, como foi feito. Além disso, deveriam ter sido reescalonados

muito mais do que 4,4 bilhões de dólares deste ano. Com isto, no próximo ano, teremos que fazer novos reescalonamentos de nossas dívidas".

Apesar de achar iminente um pedido de moratória, Beluzzo confessa que "dá até medo pensar nesta hipótese. As principais consequências de uma moratória seria o corte no abastecimento de petróleo que deverá consumir cerca de 7 bilhões de dólares do País, este ano, além da suspensão dos pré-financiamentos para as exportações previsto em 8 bilhões de dólares até o final de 83 e o interrompimento dos créditos para importações de produtos manufaturados, componentes de matérias-primas industriais como o enxofre para a produção de fertilizantes, avallados também 8 bilhões de dólares. Isto fatalmente levaria o País a uma crise econômica e social sem precedentes na sua história", alerta o economista.

Finalmente, Beluzzo aponta uma saída para a crise financeira, uma renegociação global de sua dívida externa. Mas para isso, "é preciso mudar toda a equipe econômica do governo que vem assustando os banqueiros internacionais pela sua incoerência e incompetência".